

Léxico de Lacunas: quando a representação da língua falha¹

José Horta Nunes¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Rua Cristóvão Colombo, 2265 – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil

horta@ibilce.unesp.br

Abstract. *This paper analyses the Léxico de Lacunas and the Insufficiencia e deficiencia dos grandes dicionarios portugueses from A. Taunay. It's shown the way as in the second decade of the XXth century a discourse that points out “failures” of the language is produced, in wich the “gaps” of the portuguese dictionaries are indicated. The “failure discourse” of Taunay is sustained by the discourse of science and by the construction of a critic-erudit author position, when a historical representation of the dictionary is deconstructed.*

Keywords. *Léxico de Lacunas; discourse; dictionary; science; authorship.*

Resumo. *Este artigo analisa o Léxico de Lacunas e o livro Insufficiencia e deficiencia dos grandes dicionarios portugueses de A. Taunay. Mostra-se o modo como na segunda década do século XX se produz um discurso que aponta as “faltas” da língua, ao indicar as lacunas dos dicionários portugueses. O discurso “lacunar” de Taunay se sustenta na discursividade da ciência e na construção de uma posição de autor crítico-erudito em um momento em que se desconstrói uma representação histórica do dicionário.*

Palavras-chave. *Léxico de Lacunas; discurso; dicionário; ciência; autoria.*

Objetivamos neste trabalho apresentar uma análise do funcionamento do dicionário como um instrumento de representação da língua na sociedade. Para isso, localizamo-nos na perspectiva da Análise de Discurso e da História das Idéias lingüísticas. O dicionário é considerado como um instrumento lingüístico que se constitui na história (AUROUX, 1992). Analisado como um discurso, ele é situado na relação com os sujeitos e a sociedade (MAZIÈRE, 1999; ORLANDI, 2000; NUNES, 2006). Mais especificamente, vamos refletir sobre uma prática lexicográfica freqüente no Brasil em inícios do século XX: a de identificar lacunas nos dicionários potugueses, ou seja, de indicar palavras e definições que “faltavam” nesses dicionários. Consideramos essa prática como um discurso que significa a relação do sujeito com a língua, tal como representada pelo dicionário. Dizer a falta é um modo de questionar a representatividade do instrumento lingüístico e de estabelecer as condições para um outro lugar de representação. Temos em vista, então, as práticas de construção e desconstrução das representações da língua pelo dicionário e pelos discursos que o tomam por objeto.

Nosso material de análise consiste em duas obras de A. d'E. Taunay: o dicionário parcial *Léxico de Lacunas* (TAUNAY, 1914) e o livro *Insufficiencia e*

deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes (TAUNAY, 1928). Affonso d'E. Taunay nasceu em Florianópolis, em 1876 e faleceu em São Paulo, em 1958. Formou-se Engenheiro Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e foi professor da Escola Politécnica de São Paulo, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, diretor dos Museus do Estado de São Paulo, dentre outros. Suas atividades de lexicógrafo estão relacionadas sobretudo com a terminologia científica, os brasileirismos e os regionalismos.

Quando Taunay elabora seu *Léxico de Lacunas*, em 1914, ainda não haviam surgido os grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa. Os dicionários portugueses de Caldas Aulete (AULETE, 1881) e Cândido de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1899), além das sucessivas edições de Moraes (SILVA, 1789) eram referências na lexicografia de língua portuguesa. No Brasil, desde a segunda metade do século XIX, havia os dicionários parciais, de complemento aos dicionários portugueses: dicionários de brasileirismos, de regionalismos, léxicos de termos literários, dentre outros. Deste modo, de um lado havia a consulta aos grandes dicionários portugueses, de outro uma crescente produção lexicográfica nacional e a falta de um dicionário geral brasileiro. Lembremos que os primeiros dicionários gerais brasileiros somente surgem no final da década de 1930: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (BARROSO E LIMA, 1938) e *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (FREIRE, 1939-1944). Assim, o discurso de Taunay se desdobra nesses dois espaços discursivos: o de uma produção nacional incipiente e o da crítica aos dicionários da ex-metrópole.

A fim de analisar o discurso de Taunay, vamos primeiramente situar as noções de *língua* e de *instrumento lingüístico* no interior da Análise de Discurso. Em seguida, apresentaremos a análise dos textos de Taunay, objetivando mostrar de que modo seu “discurso lacunário” produz uma crítica da representação da língua, tendo em vista notadamente o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de C. de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1899). Além disso, objetivamos também explicitar o funcionamento da autoria no discurso de Taunay, especialmente na construção de uma posição de autor crítico-lacunar, que diz a “falta” na língua.

Discurso, língua e instrumento lingüístico

A Análise de Discurso está entre as ciências da linguagem que consideram a língua não de forma abstrata, mas sim inserida em contexto, isto é, em uma situação imediata, enunciativa, e em uma situação no sentido amplo, a conjuntura sócio-histórica. A língua é a base dos processos discursivos e ela funciona na relação com o sujeito e com a história. Este é um primeiro sentido de “língua” na AD, ou seja, a língua enquanto materialidade específica de todo discurso.

Mas, além da língua praticada no discurso de todo sujeito, a AD leva em conta também a língua imaginária e seus efeitos sobre os sujeitos e a sociedade. Remetemos aqui à distinção feita por E. Orlandi entre a *língua imaginária* e a *língua fluida*: “A língua imaginária é aquela que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluida é aquela que não se deixa imobilizar nas redes dos sistemas e das fórmulas” (ORLANDI, 1990, p. 75). Um dos casos trabalhados por Orlandi é o das gramáticas elaboradas por missionários jesuítas, que criaram uma imagem do “tupi jesuítico”, instituindo-o.

Vários estudos foram realizados objetivando compreender o papel de gramáticas e dicionários na história, desde aqueles elaborados pelos jesuítas durante o período colonial, até os que sustentaram a construção de uma língua nacional (ver ORLANDI, 2001). Desse modo, além da língua praticada pelos sujeitos, considera-se também a língua tal como construída pelas gramáticas, dicionários, manuais. Nesse sentido, os trabalhos que articulam a AD e a História das Idéias Lingüísticas têm se dedicado ao estudo dos instrumentos lingüísticos e aos efeitos de sentido que eles produzem na história. Segundo S. Auroux (1992), os instrumentos lingüísticos, como gramáticas e dicionários, estendem a capacidade dos sujeitos falantes. Eles não correspondem a algo que estaria na mente dos sujeitos, mas sim a algo que se apresenta como exterior, condicionado pelas tecnologias, como a escrita, a imprensa e a informática. São *externalidades*, no sentido de objetos históricos que concernem à representação e à produção do "conhecimento" ou do "saber" (cf. AUROUX, 2006).

Esses dois modos de a língua estar presente nas práticas languageiras (a língua imaginária e a língua fluida) de fato funcionam o mesmo tempo na sociedade. É o que notamos no discurso de A. Taunay (1914, 1928), no qual a língua imaginária construída pelo dicionário torna-se objeto de um discurso crítico, que vem desestabilizar a fixação da língua, tal como realizada por esse instrumento. Vemos, nesse contexto, a discrepância entre a língua imaginária e a língua fluida. A língua imaginária deixa de funcionar como uma representação bem-sucedida, ficando visíveis suas brechas, suas falhas, seus exteriores, enfim, o que ela silencia² em relação à língua fluida.

O discurso lacunar: dizer a falta na língua

O *Léxico de Lacunas*, de Taunay (1914), assim como o *Léxico de termos técnicos e científicos* (1909) e o *Vocabulário de Omissões* (1924), do mesmo autor, são léxicos que apontam e definem palavras ausentes em dicionários portugueses. No texto introdutório do *Léxico de Lacunas (Duas Palavras)*, Taunay constrói um lugar para dizer as lacunas, posicionando-se frente à tradição lexicográfica portuguesa e no interior do discurso das ciências e das técnicas:

Não ha quem, manuseando seguidamente os melhores e mais completos dictionarios portuguezes deixe de notar a avultada copia de lacunas que os tornam deficientes sobretudo quanto á terminologia technica e scientifica e aos brazileirismos.

E, no entanto, muito e muito se opulentou o patrimonio inventariado da lingua, desde que appareceu o *Diccionario da Lingua Portuguesa* do Snr. Candido de Figueiredo e, sobretudo, a *Encyclopedia Portugueza Illustrada*, publicação dirigida pelo Dr. Maximiano de Lemos, pois seguramente averbaram estas duas obras, quarenta ou cinquenta mil vocabulos ineditos, desconhecidos dos lexicos de consulta corrente entre nós, como os velhos Vieira, Moraes, Constancio e os relativamente recentes Aulete, Francisco Adolpho Coelho, João de Deus, etc.

"Ainda assim, muito, muitissimo, ha que respigar na seara recolhida pelos grandes lexicographos, sobretudo no colossal repositorio de termos empregados pela sciencia e industria modernas, continuamente avolumado pelo extraordinario progresso de todas as sciencias, expansão e aperfeiçoamento das industrias, a serie ininterrupta das grandes invenções e descobertas e a conseqüente criação de novas e vastas tecnologias e a amplificação, em grandes proporções, das já existentes." (TAUNAY, 1914, prefácio)

O discurso de Taunay tem por objeto inicialmente os dicionários portugueses. Para isso, constrói uma cena de leitura desses dicionários, na qual os leitores notam a "avultada cópia de lacunas" nos dicionários portugueses "correntes" ou "consultados". Esse é um primeiro gesto de interpretação, qual seja, o de situar o objeto em meio a um domínio público e às práticas de leitura que aí têm lugar. Não se fala do lugar das instituições, nem das ciências e dos métodos, mas sim das obras e das leituras no espaço público. O domínio em que as lacunas são apontadas é o da "terminologia técnica e científica" e dos "brazileirismos". As lacunas significam o *lugar da falta da ciência na língua*, lugar que é estruturante nesse discurso.

Utilizar o nome "lacuna" no título do dicionário é um fato a ser salientado. Não se fala em "complementação" ou em "acréscimo", mas em "lacuna". Isso é um índice, a nosso ver, da diferenciação entre o português brasileiro e o português de Portugal: não se trata de "complementar" a língua portuguesa, mas sim de mostrar que nela faltam termos que há no português brasileiro. Dizer a falta é estar no discurso da falta, ou seja, é significar a incompletude do discurso.

A partir de que posição se produz o discurso lacunar? Não há na seqüência acima um "eu" que se apresenta como reponsável, mas sim uma voz anônima, universalizada ("Não há quem...deixe de notar", "muito se opulentou o patrimônio inventariado", "há que respigar na seara recolhida pelos grandes lexicógrafos"). As lacunas são notadas pelos leitores e a prática lexicográfica é significada como uma leitura acompanhada da prática da anotação, coleta, indicação. Mas o espaço discursivo em que essa voz se constitui é o das ciências e das técnicas, como se observa na citação entre aspas (Ainda assim ... já existentes"), que é uma seqüência retirada do primeiro léxico do autor, o *Lexico de termos technicos e scientificos*, publicado no Anuario da Escola Polytechnica de São Paulo, em 1909. Isso atesta a sedimentação de um discurso da ciência, que por sua vez está aliado à industrialização e às tecnologias, bem como às instituições de ensino que divulgam esse saber e essas técnicas. Note-se que Taunay formou-se na Escola Politechnica do Rio de Janeiro e depois lecionou na Escola Polytechnica de São Paulo³.

A "expansão" e o "progresso" das ciências, com todas as adjetivações que as rodeiam ("avultada cópia de lacunas", "extraordinário progresso", "colossal repositório de termos empregados pela sciencia e industria modernas" "grandes invenções e descobertas", "vastas tecnologias"), acompanham a expansão do léxico. A lacuna em Taunay, portanto, é a da ciência e das técnicas, em uma conjuntura de ampliação da industrialização. É desse lugar que se diz a falta na língua. Lendo criticamente o dicionário, discute-se a língua e a ciência no domínio público.

Discurso polêmico e representação da língua

Passemos agora à análise do livro *Insufficiência e deficiência dos grandes dicionarios portugueses*, de Taunay, publicado em 1928, após os três léxicos mencionados anteriormente. Temos aí uma outra situação discursiva, que dá seqüência às anteriores. O livro traz uma coletânea de textos publicados na imprensa fluminense em 1923, ano de publicação da terceira edição do dicionário de C. de Figueiredo. Nesses textos mostram-se as vivas polêmicas travadas entre os autores. Cada capítulo apresenta críticas aos dicionários portugueses em um certo domínio da terminologia científica, como o dos "insetos", dos "mamíferos", da "zoologia", da "química", dentre outros, além da indicação de lacunas de brasileirismos e regionalismos. Em que

condições se formulam essas críticas? Como elas atingem a língua e os sujeitos, de modo polêmico? Como elas produzem uma desconstrução da representação da língua?

O discurso lacunar pode ser considerado uma forma do discurso polêmico, na medida em que coloca em oposição certos discursos, no caso, o discurso cotidiano e o da ciência em oposição ao discurso clássico, histórico-filológico. Segundo E. Orlandi, no discurso polêmico "a polissemia é controlada uma vez que os interlocutores procuram direcionar, cada um por si, o referente do discurso" (ORLANDI, 1987, p. 29). Se dizer a lacuna traz à cena a polissemia, fazê-lo de modo crítico produz a polêmica, com o direcionamento dos referentes. E nesse caso, trata-se do referente que falta, que está ausente (lacuna) ou silenciado (omissão). O discurso crítico, como um dos modos de se dizer a polêmica, identifica os interlocutores e o objeto do discurso e direciona sentidos em relação a eles.

Um outro ponto a se considerar é a questão da representação. Como vimos anteriormente, os instrumentos lingüísticos produzem uma imagem da língua que funciona na sociedade. Acrescentamos agora que, ao fazer isso, tais instrumentos representam os falantes na sociedade. A representação aqui é vista como uma relação entre os sujeitos constituída por formações imaginárias em funcionamento no discurso. Temos assim, por exemplo, certas formas de representação, como a língua dos clássicos, a língua científica, a língua cotidiana, etc.

Com o discurso crítico de Taunay tem lugar uma desconstrução da representação da língua, tal como efetuada pelos dicionários portugueses. Nos recortes que seguem, temos em vista o lugar que o dicionário e a autoria ocupam na construção/desconstrução das representações lingüísticas. Começamos pelo primeiro, o dicionário. No prefácio do livro, Taunay reformula o discurso sobre a terminologia científica tal como se apresentava no *Léxico de Lacunas*. Desta vez, o dicionário e os termos são localizados em um contexto mundial, e não somente nacional

Dia a dia cresce a importância da terminologia científica e mais se avoluma o seu lugar na linguagem vulgar. Ocioso é recordal-o se não até accaciano. Palavras que ha pouco só viviam aos labios de cientistas ou especialistas são hoje correntes até em rodas de gente pouco instruida.

E tal o imperio do prestigio destes vocabulos que, em todas as paginas dos grandes dicionaristas de par em par. E as edições successivas dos grandes lexicos, de renome mundial, apressam-se em registar os avolumamentos dessa terminologia cada vez mais extensa e mais precisa.

Com o portuguez tal ainda não se deu de modo que corresponda ás exigencias das civilisações hodiernas e ao estado actual da Sciencia.

Parece muito longe ainda o dia em que ha de surgir o Webster do mundo lusitano (TAUNAY, 1928, p. VIII-IX)

A ampliação do espaço colocado em cena é uma das condições para a produção do discurso crítico, visto que Taunay compara os dicionários portugueses com os de outras nacionalidades, como a americana e a francesa, considerando-os, em matéria de terminologia científica, inferiores aos dicionários Webster e Larousse. É um dos modos de significar um saber lexicográfico brasileiro, situando-se a produção portuguesa no

contexto mundial. O argumento que funciona nesse momento é o da universalidade da ciência: a ciência tem representação universal. Taunay coloca lado a lado o dicionário português (Figueiredo), o dicionário francês (Larousse) e o dicionário americano (Webster). Vemos aí a relação entre a ciência e a língua. Se a ciência se representa universalmente, a língua é nacional e a terminologia brasileira é vista como diferente da portuguesa, sobretudo em relação aos "termos vulgares": "Para nós brasileiros falta-lhes e muito a tecnologia vulgar aliás injustificadamente ausente de suas paginas pois é um lexico portuguez e a terminologia portugueza e brasileira differem immenso hoje" (TAUNAY, 1928, p. IX).

As nomeações utilizadas por Taunay em relação ao dicionário de C. de Figueiredo mostram um deslocamento: de lacunar, o dicionário passa a ser "deficiente" e "insuficiente". O tom polêmico se intensifica em relação aos primeiros trabalhos do autor. Note-se, por exemplo os deslocamentos nos títulos das obras: *Léxico de termos técnicos e científicos* (1909), *Léxico de Lacunas* (1914), *Vocabulario de Omissões* (1924), *Insufficiencia e deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes* (1928). Os "termos técnicos científicos" passam a ser "lacunas", depois "omissões", depois "insuficiência e deficiência".

Nesse discurso crítico, dá-se o jogo das representações. De um lado, a crítica à representação da língua, tal como produzida pelo dicionário português; de outro, a defesa de uma representação a ser construída por um futuro dicionário brasileiro. Uma delas (a do dicionário português) remete a um tempo atual; a outra (a do dicionário brasileiro) remete a um tempo futuro. Assim, há uma futuridade no discurso de Taunay: ao mesmo tempo em que se desconstrói a representação do dicionário português, estabelecem-se as condições para uma futura representação brasileira.

A autoria no discurso lacunar: a posição do crítico-colaborador

Na Análise de Discurso, a autoria é uma das funções do sujeito. "É assim que pensamos a autoria como uma função discursiva: se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, produtor de texto" (ORLANDI, 1999, p. 75). Como autor lexicógrafo, Taunay se posiciona do lugar do leitor colaborador. Dessa posição, a autoria funciona nas margens: não se visa a produzir um dicionário, mas sim uma crítica do dicionário, acompanhada de sugestões. Efetuam-se críticas, comparam-se dicionários, indicam-se lacunas e propõem-se verbetes. O colaborador é um "curioso", um "coleccionador", um "cotejador", um "anotador". Observemos como se instaura essa posição, a partir das seqüências que seguem:

Procurou o autor do presente e muito modesto supplemento aos grandes dictionarios da lingua, averbar indistinctamente, todos os termos ainda não inventariados pelos lexicographos, de que teve conhecimento, sem preocupação alguma de ordem philologica. (TAUNAY, 1914, prefácio)

Os unicos méritos de que se revete a nossa exígua relação de falhas provem da paciencia do colleccionador, outros não tem, de todo. (TAUNAY, 1914, prefácio)

A continua leitura de livros brasileiros e o habito, desde algum tempo adoptado, da annotação das palavras avistadas pela primeira vez, deu nos o ensejo de reunir centenas, senão milhares, de brazilirismos e lacunas de toda a especie, quasi sem trabalho. (TAUNAY, 1914, prefácio)

O meu unico trabalho foi fazer esta aproximação leal e honestamente. (TAUNAY, 1928, p. XII)

Reciando, acima de tudo, infringir o preceito salutar do ne sutor peço aos benévolos leitores não se esqueçam de que não sou quem emenda ao Novo Diccionario e sim apenas o porta voz das mais abalisadas autoridades das grandes encyclopedias contemporaneas e das maiores linguas. Assim, queiram dar-se, uma vez ou outra, ao trabalho de cotejar as minhas afirmativas com as das fontes invocadas. (TAUNAY, 1928, p. XII)

Na primeira seqüência, o autor é falado pelo locutor, ele não se apresenta como um "eu" responsável e a obra se apresenta como "modesta". Trata-se de um autor "humilde", "leal", "honesto", "paciente". Diante da autoridade dos autores dos grandes dicionários, o autor se apequena e constrói sua diferença nas brechas. É um autor sem método ("averbar indistintamente") e sem teoria ("sem preocupação de ordem filológica"). Embora se situe no espaço discursivo da ciência e se tome por objeto os termos científicos, a autoria não é científica. Ela se configura como uma prática cotidiana "paciente", como um "hábito", que quase não chega a ser um trabalho ("quasi sem trabalho").

Ao mesmo tempo em que se nega a autoria ("não se esqueçam de que não sou quem emenda..."), o sujeito se apresenta como o "porta voz das mais abalisadas autoridades", de modo que vemos aí o lugar da representação dos sujeitos. Taunay, ao cotejar os verbetes dos dicionários com os textos dos cientistas, coloca em cena as "autoridades das ciências" e se posiciona como aquele que faz a ligação entre o leitor, o cientista e o lexicógrafo:

Assim, para o cotejo que realizo, tomei dois guias da maxima segurança, dois naturalistas brasileiros, da mais larga e conceituosa reputação, os Drs. Alípio de Miranda Ribeiro e Candido de Mello Leitão, cujas obras valiosas ultimamente publicadas - as *Noções syhtheticas* e os *Elementos de zoologia*, mereceram, dos doutos, rgeraes applausos. São dois scientistas dos que mais honram nossa cultura nacional e estão ao par das mais recentes conquistas das sciencias.

Continuemos a vêr si o *Novo Diccionario*, bem posterior, comtudo, a ambas as obras citadas, está em condições de informar aos seus leitores o que significa a tecnologia (aliás elementar, e destinada a fins didacticos gymnasiaes), dos dois excellentes livros." (TAUNAY, 1928, p. 8-9)

O autor para Taunay é quase sempre um "outro": na lexicografia, é C. de Figueiredo, Aulete, Morais, dentre outros. Na ciência, são as autoridades científicas, os cientistas naturais, os especialistas. Da posição de crítico colaborador, o que se faz é avaliar a representatividade dessas posições de autoria. É assim que Taunay faz críticas

seja aos autores, seja às fontes utilizadas por eles. Menciona, por exemplo, em relação ao dicionário de C. de Figueiredo, a "falta de cultura geral científica do seu autor", assim como a falta de autoridade nas fontes: "autoridade nulla, até de notícias da imprensa diária", "manaciais turvos", "opiniões de uma tecnologia rural".

Uma marca ainda a se ressaltar no discurso de Taunay é a ironia. O modo irônico de se colocar como crítico ou de se referir aos lexicógrafos é regular nos textos analisados. A destruição dos sentidos operada pela ironia é um mecanismo que corrói a representação. A conclusão do livro de Taunay, denominada "Suprema humilhação. Confissão de derrota. Acto de contricção." é toda permeada de ironias. Seleccionamos dela a seguinte seqüência, na qual Taunay questiona o lugar de autoria científica de C. de Figueiredo: "São agora o genio da lingua portguezesa e o da philologia comparada que, sob as palmas entusiasticas de Bopp e de Schlegel, de Whitnay e Burbnouf, Grimm e Müller, etc., coroam o Sr. Candido de Figueiredo, modesto e comovido" (p. 149). O final repleto de chistes e de ironias indica a distância que se toma em relação à filologia. Considerando-se que o dicionário de C. de Figueiredo sustentava-se na filologia e no discurso dos autores clássicos, o discurso de Taunay resiste a essa injunção e abre espaço para uma outra autoria lexicográfica, marcada pela atualização, em oposição ao "obsoleto", pela ciência, em oposição à "história", tal como significada na filologia, e pelas publicações científicas e jornalísticas em oposição aos textos clássicos.

Conclusão

A Análise de Discurso visa a compreender as diversas práticas lingüísticas na sociedade. Dentre elas, mostramos aqui um caso em que se observa a tensão entre a língua imaginária e a língua fluida. O discurso de Taunay, ao dizer as lacunas nos dicionários, significa na fronteira entre essas duas materialidades da língua, na pulsão entre o desejo de fixar e o de desmontar a língua.

Consideramos o discurso de Taunay como parte do processo de descolonização lingüística que se operou no Brasil durante o século XX. Nesse processo ocorreu uma crise da representação da língua enquanto significada pelos instrumentos portugueses. Conforme E. Guimarães (2006), "enquanto prática as representações são reguladas politicamente". O período referente aos textos analisados corresponde ao final da República Velha e anuncia as mudanças advindas com a crescente industrialização e o desenvolvimento das ciências e das técnicas. Na lexicografia, isso corresponde a um período de transição entre os projetos de dicionários de brasileirismos (ou de complemento) aos dicionários gerais, básicos e escolares brasileiros que surgem a partir dos anos 30. Assim, sob as práticas languageiras que se depreendem desse discurso: a leitura, o cotejo, a anotação, está em jogo a representatividade da língua e dos autores, bem como o movimento político dos sentidos.

O *Léxico de Lacunas* e as polêmicas públicas de inícios do século XX participaram, desse modo, da desconstrução/construção das representações lingüísticas. Eles nos permitem explicitar a relação dos sujeitos com a língua, o deslocamento de um imaginário dos dicionários clássicos, baseados em uma perspectiva histórico-filológica, para um imaginário da prática cotidiana da linguagem, das técnicas e das ciências. Vemos aparecer também aí uma autoria lexicográfica crítica, que se mostra na figura do colaborador erudito, não especialista, que produz um discurso lacunar, no jogo entre a estabilização e o movimento dos sentidos.

Notas

¹ Este trabalho está relacionado ao projeto “O controle político da representação”, coordenado por E. Guimarães (Unicamp).

² Tomamos o “silêncio” no sentido que lhe atribui E. Orlandi, enquanto forma significativa (*As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992).

³ <http://www.academia.org.br>

Referências bibliográficas

AULETE, Francisco J. Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Parceria Antônio Maria Pereira Livraria Editora, 1881.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992a.

_____. *L'historicité des sciences*. Texto de conferência. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, nov/2006.

BARROSO, Gustavo; LIMA, Hildebrando. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira, 1938.

FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: A Noite S.A. Editora, 1939-44.

FIGUEIREDO, António Cândido de. *Nôvo Diccionário da Língua Portuguêsa*, 2 vol., Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, 1899.

GUIMARÃES, Eduardo. Conferência. IX Jornada Internacional História das Idéias Lingüísticas. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista/Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, registro em vídeo, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Lexicografia Discursiva. *Alfa*, São Paulo, 44: 97-114, 2000.

_____. (Org.). *História das idéias lingüísticas: construção do saber metalingüístico e constituição da língua nacional*. Campinas: Pontes, Cáceres: Unemat, 2001.

_____. *Discurso e Texto*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

TAUNAY, Affonso d'E. *Léxico de Lacunas*. Tours: Imprimerie E. Arrault et Cia, 1914.

_____. d'E. *Insufficiencia e deficiencia dos grandes diccionarios portuezes*. Tours: Arrault et Cia, 1928.

